



APRENDER SEMPRE

3^a SÉRIE ENSINO MÉDIO

LÍNGUA PORTUGUESA

Chè elèv e responsab,

Nan lide pou evite pwopagasyon nouvo kowonaviris la, pandan n ap prezève sante tout moun, aktivite nan lekòl yo sispans, yon fason pou diminye sikilasyon moun. Nan objektif pou pa entèwonpi etid ou, menm pandan peryòd sispansyon kou yo, Sekretarya Edikasyon Eta a te prepare yon materyèl pou sèvi w kòm sipò nan moman sa a.

Materyèl sa a divize an de pati: youn se Lang Pòtigè epi lòt la se Matematik. Nan yo, ou pral jwenn aktivite pou elaji konesans ou. Anplis de sa, gen 2 lòt dokiman ki akonpanye materyèl sa a: youn ki gen enfòmasyon sou COVID-19 la, lòt la menm gen oryantasyon ak sijesyon pou w òganize yon woutin etid epi kontinye aprann, menm si w pa ale nan lekòl la!

Lè kou yo retounen, l ap enpòtan pou w remèt pwofesè w la aktivite w fè yo. Konsa, ou pral kabab jwenn yon feedback sou aktivite ke w te rive fè yo, epi tou, ou pral kapab jwenn plis apwi.

Bòn etid!



Nome da Escola: _____

Nome do Aluno: _____

Data: __/__/2020

Ano/Turma 3ª Série EM _____

Sékans 1

Abilite 14- Idantifye konpozan tèks agimantatif, tankou: agiman / kont agiman; pwoblèm / solisyon; definisyon / egzanzp; Konparezon; opozisyon; analoji; oswa refitasyon / pwopozisyon.

Li tèks ki anba a pou reponn kesyon ki vini aprè yo:

Alguém já escreveu que a *internet* é um instrumento democrático. Tomada ao pé da letra, essa afirmação é falsa. Eu gostaria de corrigi-la, acrescentando: a *internet* é um instrumento potencialmente democrático. Para fazer uma pesquisa navegando na *web*, precisamos saber como dominar os instrumentos do conhecimento: em outras palavras, precisamos dispor de um privilégio cultural, que é ligado ao privilégio social.

As escolas precisam da *internet*, mas a *internet* precisa de uma escola onde o ensino real acontece. A *internet* não apenas faz referência aos livros, mas pressupõe livros. A leitura fragmentada em palavras e frases isoladas do contexto integral sempre foi parte da leitura de cada um, mas o livro é o instrumento que nos ensina a dominar a extraordinária velocidade da *internet* - para ser capaz de usá-la, você precisa aprender a "ler devagar".

Não consigo imaginar que alguém possa aprender sozinho, sem modelos, a prática profundamente artificial da leitura lenta. Daí a *internet* pressupor não apenas os livros, mas também aqueles que ensinam a ler livros - ou seja, professores em carne e osso.

Fonte: Adaptado de Carlo Ginzburg, A internet é um instrumento potencialmente democrático. Unicamp 2019. Disponível em: <<http://www.fronteras.com/artigos/carlo-ginzburg-ainternet-nao- apenas-remete-aos-livros-como-tambem-pressupoe-livros-1427135419>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

1. Ki agiman otè a itilize pou l voye jete afimasyon daprè kwa entènèt la se yon zouti demokratik?

2. Eksplike poukisa entènèt la sipoze "professores em carne e osso" ak liv.

Tèks pou pwochèn kesyon an:

A ARTE DE ENGANAR

Frei Betto

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar "calças" na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: "O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral" etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto.

Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Fonte: - Adaptado de Frei Betto, *O Dia*. UERJ 2016.

3. Frei Betto kòmanse tèks li a ak yon sitasyon yon ekriven irigweyen ki rele Eduardo Galeano, li sèvi avèk yon resous komen nan agimantasyon. Resous sa a se yon agiman pou:

- a. Konparezon.
- b. Kozalite.
- c. Kontesasyon.
- d. Otorite
- e. Konsansis.

4. (Enem 2011) O tema da velhice foi objeto de estudo de brilhantes filósofos ao longo dos tempos. Um dos melhores livros sobre o assunto foi escrito pelo pensador e orador romano Cícero: *A Arte do Envelhecimento*. Cícero nota, primeiramente, que todas as idades têm seus encantos e suas dificuldades. E depois aponta para um paradoxo da humanidade. Todos sonhamos ter uma vida longa, o que significa viver muitos anos. Quando



realizamos a meta, em vez de celebrar o feito, nos atiramos a um estado de melancolia e amargura. Ler as palavras de Cícero sobre envelhecimento pode ajudar a aceitar melhor a passagem do tempo.

(NOGUEIRA, P. *Saúde & Bem-Estar Antienvhecimento*. Época. 28 abr. 2008.)

O autor discute problemas relacionados ao envelhecimento, apresentando argumentos que levam a inferir que seu objetivo é:

- a. Esclarecer que a velhice é inevitável.
- b. Contar fatos sobre a arte de envelhecer.
- c. Defender a ideia de que a velhice é desagradável.
- d. Influenciar o leitor para que ele lute contra o envelhecimento.
- e. Mostrar às pessoas que é possível aceitar, sem angústia, o envelhecimento.

5. (Enem 2010) O dia em que o peixe saiu de graça

Uma operação do IBAMA para combater a pesca ilegal, na divisa entre os Estados do Pará, Maranhão e Tocantins, incinerou 110 quilômetros de redes usadas por pescadores durante o período em que os peixes se reproduzem. Embora tenha um impacto temporário na atividade econômica da região, a medida visa preservá-la ao longo prazo, evitando o risco de extinção dos animais. Cerca de 15 toneladas de peixes foram apreendidas e doadas para instituições de caridade. (Época. 23 mar. 2009 - adaptado).

A notícia, do ponto de vista de seus elementos constitutivos:

- a. Apresenta argumentos contrários à pesca ilegal.
- b. Tem um título que resume o conteúdo do texto.
- c. Informa sobre uma ação, a finalidade que a motivou e o resultado dessa ação.
- d. Dirige-se aos órgãos governamentais dos estados envolvidos na referida operação do IBAMA.
- e. Introduce um fato com a finalidade de incentivar movimentos sociais em defesa do meio ambiente.

6. (Pucrs 2014, adaptada):

Proteção e autonomia

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Art. 227 da Constituição Federal).

Considerando o texto constitucional e a visão que você tem sobre a educação de jovens e crianças, reflita sobre a seguinte pergunta:

Como os pais e os educadores podem dosar o cuidado com as crianças e os adolescentes sem impedir que eles conquistem, aos poucos, a maturidade e a autonomia necessárias à vida em sociedade?

Procure responder à questão proposta, expondo o seu ponto de vista sobre o assunto. Para fundamentá-lo, você pode se valer de argumentos variados, tais como: exemplos da análise de uma situação particular, ou da opinião de especialistas, desde que devidamente referenciada. Escreva cerca de 20 linhas em forma de um texto dissertativo-argumentativo.

Li tèks ki anba pou reponn kesyon ki vini aprè a:

Turismo na favela: E os moradores?

Água morro abaixo, fogo morro acima e invasão de turistas em favelas pacificadas são difíceis de conter. Algo precisa ser feito para que a positividade do momento não transforme esses lugares em comunidades "só pra inglês ver". As favelas pacificadas tornaram-se alvo de uma volúpia consumidora poucas vezes vista no Rio de Janeiro. O momento em que se instalaram as Unidades de Polícia Pacificadora em algumas favelas, foi como se tivesse sido descoberto um novo sarcófago de Tutankamon, o faraó egípcio: uma legião de turistas, pesquisadores, empresários e comerciantes "descobriram" as favelas.

O Santa Marta, primeira favela a ter uma UPP ao longo dos seus quase 80 anos, sempre recebeu, na maioria das vezes de forma discreta, visitantes estrangeiros. E, em alguns casos, ilustres: Rainha Elizabeth, Senador Kennedy e Gilberto Gil. Até mesmo Michael Jackson, quando gravou seu clipe na favela, não permitiu a presença da mídia. A partir de 2008, iniciou-se a era das celebridades e a exposição da favela para o mundo.

Algumas perguntas, porém, precisam ser feitas e respondidas no momento em que o poder público pensa em investir nesse filão: o que é uma favela preparada para receber turistas? Que "maquiagem" precisa ser feita para que o turista se sinta bem? Que produtos os turistas querem encontrar ali? O comércio local deve adaptar-se aos turistas ou servir aos moradores? Se o Morro não é uma propriedade particular, se não tem um dono, todo e cada morador tem o direito de opinar sobre o que está se passando com o seu lugar de moradia.

Essas e outras questões devem pautar o debate entre moradores e gestores públicos sobre o turismo nas favelas pacificadas. Se os moradores não se organizarem e se não assumirem o protagonismo das ações de turismo e de entretenimento no Santa Marta, vamos assistir aos nativos – os de dentro – servindo de testa de ferro para empreendimentos e iniciativas dos de fora, às custas de uma identidade local que aos poucos vai perdendo suas características.

Tomar os princípios do turismo comunitário – integridade das identidades locais, protagonismo e autonomia dos moradores – talvez nos ajude a encontrar estratégias para receber os de fora sem sucumbir às regras violentas de um turismo mercadológico. Fonte: Itamar Silva é Presidente do Grupo Eco – Santa Marta e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Adaptado de: Jornal O Dia.

7. (G1 - CFTRJ 2014) O texto é predominantemente argumentativo. Isso significa que seu enunciador sustenta uma tese, ou seja, um ponto de vista específico a respeito do tema desenvolvido. A alternativa que melhor sintetiza a tese central desse texto é:



- a. A pacificação de algumas favelas incrementou o turismo nessas regiões.
- b. O turismo na favela deve ser praticado de maneira favorável aos moradores.
- c. As Unidades de Polícia Pacificadora não trazem ganhos reais para as comunidades.
- d. A preservação da identidade local é imprescindível para o turismo nas favelas.
- e. Os moradores das favelas devem ser contrários à visita de turistas.

Li tèks ki anba pou reponn kesyon ki vini aprè a:

Quais são os impactos ambientais das sacolas plásticas?

Os impactos ambientais de sacos e sacolas plásticas estão em todos os lugares, indo da poluição visual até a morte de animais. Se pensarmos que despejamos bilhões de sacolas plásticas no mundo todos os anos, teremos uma noção do tamanho do problema.

Por serem leves, os sacos e sacolas plásticas voam com o vento, indo parar em árvores, arbustos, fios de alta tensão, gramados, beiras de estrada, rios, lagos, oceanos - ou seja, acabam poluindo as cidades e a natureza.

Muitas sacolas plásticas acabam em bueiros nas cidades, agravando o problema das enchentes, pois impedem a drenagem das águas das chuvas. Sacos plásticos abandonados também são depósitos de água das chuvas e podem ajudar na proliferação do mosquito da dengue.

Os sacos e sacolas que chegam até a natureza são confundidos com comida por animais, que os ingerem e morrem engasgados - tartarugas marinhas confundem as sacolas plásticas com águas-vivas. Outros animais menores morrem ao se enroscarem no plástico. Na Índia, centenas de vacas morrem por ano ao ingerirem sacos plásticos com restos de alimentos.

Estima-se que mais de cem mil mamíferos e pássaros morram por ano devido à ingestão de sacos plásticos - e sequer temos ideia de quantos peixes. O plástico leva centenas de anos para se degradar, então não é demais pensar que uma mesma sacolinha possa matar mais de um animal durante sua permanência na natureza.

De alguma forma, também a produção de sacolas plásticas dá a sua contribuição para o aquecimento global, porque os processos de refino do petróleo e fabricação das sacolas consomem energia, água e liberam efluentes e emitem gases poluentes. 100 milhões de sacolas plásticas precisam de 1,5 milhão de litros de petróleo para serem produzidas e causam a emissão de 4,2 mil toneladas de CO₂. Fonte: Campanha Saco é um Saco / Ministério do Meio Ambiente.

- 8.** (G1 - IFCE 2014) No decorrer do texto, o autor vai defendendo a ideia das consequências malélicas com relação ao uso das sacolas plásticas. As principais estratégias argumentativas utilizadas consistem em:
- a. Comparar as situações do uso e do não uso das sacolas plásticas.
 - b. Deter-se apenas nos prejuízos causados aos animais.
 - c. Valer-se de dados históricos para justificar o impacto ambiental provocado pelas sacolas.
 - d. Ilustrar, através de vários exemplos, os danos que as sacolas causam à natureza.
 - e. Mostrar que, apesar dos impactos naturais, é inevitável o uso das sacolas pelos consumidores.

Swiv tèks sa pou w reponn pwochèn kesyon yo:

Pwochèn kesyon pran pou baz yon ekstrè atik "Horror a aprender" (1957), ke istòryen e kritik literè Afrânio Coutinho (1911-2000) te ekri an 1957,

Horror a aprender

Se quiséssemos, numa fórmula, definir a mentalidade mais ou menos generalizada dos que militam na vida literária brasileira, não lograríamos descobrir outra que melhor se prestasse do que esta: horror a aprender. Nosso autodidatismo enraizado, nossa falta de hábito universitário, fazem com que aprender, entre nós, seja motivo de inferioridade intelectual. Ninguém gosta de aprender. Ninguém se quer dar ao trabalho de aprender. Porque já se nasce sabendo. Todos somos mestres antes de ser discípulos. Aprender o quê? Pois já sabemos tudo de nascença! Ignoramos essa verdade de extrema sabedoria: só os bons discípulos dão grandes mestres, e só é bom mestre quem foi um dia bom discípulo e continua com o espírito aberto a um perpétuo aprendizado. Quem sabe aprender, sabe ensinar, e só quem gosta de aprender tem o direito de dar lições. Como pode divulgar e orientar conhecimentos quem mantém o espírito impermeável a qualquer aprendizagem?

Nossos jovens intelectuais, em sua maioria, primam pelo pedantismo, autossuficiência e falta de humildade de espírito. São mestres antes de ter sido discípulos. Saber não os preocupa, estudar, ninguém lhes viu os estudos. É só meter-lhes na mão uma pena e cair-lhes ao alcance uma coluna de jornal, e lá vem doutrinação leviana e prosa de meia-tigela. Não lhes importa verificar se estão arrombando portas abertas ou chovendo no molhado.

9. (Unesp 2014) No segundo parágrafo, para reforçar sua argumentação, Coutinho se vale de duas expressões idiomáticas que apresentam praticamente o mesmo sentido. Identifique estas duas expressões idiomáticas e, com base no sentido comum a ambas, esclareça o argumento do autor.

Sekans 2

Abilite 17 - Òganize, nan sètèn sekans, pwopozisyon otè a devlope nan yon tèks agimantatif.

1. (Enem 2019) Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar?

No caso do esporte, a mediação efetuada pela câmera da TV construiu uma nova modalidade de consumo: o esporte telespetáculo, realidade textual relativamente autônoma face à prática "real" do esporte, construída pela codificação e mediação dos eventos esportivos efetuados pelo enquadramento, edição das imagens e



comentários, interpretando para o espectador o que ele está vendo. Esse fenômeno tende a valorizar a forma em relação ao conteúdo, e para tal faz uso privilegiado da linguagem audiovisual com ênfase na imagem, cujas possibilidades são levadas cada vez mais adiante, em decorrência dos avanços tecnológicos. Por outro lado, a narração esportiva propõe uma concepção hegemônica de esporte: esporte é esforço máximo, busca da vitória, dinheiro... O preço que se paga por sua espetacularização é a fragmentação do fenômeno esportivo. A experiência global do ser-atleta é modificada: a socialização no confronto e a ludicidade não são vivências privilegiadas no enfoque das mídias, mas as eventuais manifestações de violência, em partidas de futebol, por exemplo, são exibidas e reexibidas em todo o mundo.

(BETTI, M. Motriz, n. 2, jul.-dez. 2001. Adaptado).

A reflexão trazida pelo texto, que aborda o esporte telespetáculo, está fundamentada na:

- a. Distorção da experiência do ser-atleta para os espectadores.
- b. Interpretação dos espectadores sobre o conteúdo transmitido.
- c. Utilização de equipamentos audiovisuais de última geração.
- d. Valorização de uma visão ampliada do esporte.
- e. Equiparação entre a forma e o conteúdo.

2. (Unicamp 2019) Alguns pesquisadores falam sobre a necessidade de um "letramento racial", para "reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista", baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios, do racismo como um problema social atual, não apenas legado histórico, e a capacidade de interpretar as práticas racializadas. Ouvir é sempre a primeira orientação dada por qualquer especialista ou ativista: uma escuta atenta, sincera e empática. Luciana Alves, educadora da Unifesp, afirma que "uma das principais coisas é atenção à linguagem. A gente tem uma linguagem sexista, racista, homofóbica, que passa pelas piadas e pelo uso de termos que a gente já naturalizou. 'A coisa tá preta', 'denegrir', 'serviço de preto'... Só o fato de você prestar atenção na linguagem já anuncia uma postura de reconstrução. Se o outro diz que tem uma carga negativa e ofensiva, acredite".

(Adaptado de Gente branca: o que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas. UOL, 21/05/2018)

Segundo Luciana Alves, para combater o racismo e mudar de postura em relação a ele, é fundamental:

- a. Ouvir com atenção os discursos e orientações de especialistas e ativistas.
- b. Reconhecer expressões racistas existentes em práticas naturalizadas.
- c. Passar por um "letramento racial" que dispense o legado histórico.
- d. Prestar atenção às práticas históricas e às orientações da educadora.
- e. Estudar detalhadamente a história e a formação do Brasil.

3. (Enem 2019) Na semana passada, os alunos do colégio do meu filho se mobilizaram, através do Twitter, para não comprarem na cantina da escola naquele dia, pois acharam o preço do pão de queijo abusivo. São adolescentes. Quase senhores das novas tecnologias, transitam nas redes sociais, varrem o mundo através dos teclados dos celulares, *iPads* e se organizam para fazer um movimento pacífico de não comprar lanches por um dia. Foi parar na TV e em muitas páginas da *internet*

(GOMES, A. *A revolução silenciosa e o Impacto na sociedade das redes sociais*.

Disponível em: www.hsm.com.br. Acesso em: 31 jul. 2012).

O texto aborda a temática das tecnologias da informação e comunicação, especificamente o uso de redes sociais. Muito se debate acerca dos benefícios e malefícios do uso desses recursos e, nesse sentido, o texto:

- a. Aborda a discriminação que as redes sociais sofrem de outros meios de comunicação.
- b. Mostra que as reivindicações feitas nas redes sociais não têm impacto fora da internet.
- c. Expõe a possibilidade de as redes sociais favorecerem comportamentos e manifestações violentas dos adolescentes que nela se relacionam.
- d. Trata as redes sociais como modo de agregar e empoderar grupos de pessoas, que se unem em prol de causas próprias ou de mudanças sociais.
- e. Evidencia que as redes sociais são usadas inadequadamente pelos adolescentes, que, imaturos, não utilizam a ferramenta como forma de mudança social.

4. (Mackenzie 2017 - adaptado) Redija uma dissertação desenvolvendo um tema comum aos textos abaixo. O texto deve ter título e estabelecer relação entre o que é apresentado nos textos da coletânea.

Texto I: "O desejo da verdade aparece muito cedo nos seres humanos e se manifesta como desejo de confiar nas coisas e nas pessoas, isto é, de acreditar que as coisas são exatamente tais como as percebemos e o que as pessoas nos dizem é digno de confiança e crédito. Ao mesmo tempo, nossa vida cotidiana é feita de pequenas e grandes decepções e, por isso, desde cedo, vemos as crianças perguntarem aos adultos se tal ou qual coisa 'é de verdade ou é de mentira' ". Marilena Chauí, filósofa.

Texto II: "Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário". George Orwell, escritor.

Texto III: "Ao contrário do que geralmente se crê, por muito que se tente convencer-nos do contrário, as verdades únicas não existem: as verdades são múltiplas, só a mentira é global". José Saramago, escritor.

5. Aprè ou fin elabore yon tèks disètatif ki baze sou twa otè ki anwo yo, fè yon egzèsis kout: elabore yon rezime, transfòmè twa tèks ki anwo yo nan yon sèl paragraf k ap gen aprepre twa a senk liy.

Li tèks sa a pou reponn kat kesyon k ap dekoule de li yo:



Eugenia

A eugenia surgiu sob o impacto da publicação, em 1859, de um livro que mudaria para sempre o pensamento ocidental: "A Origem das Espécies, de Charles Darwin". Darwin mostrou que as espécies não são imutáveis, mas evoluem gradualmente a partir de um antepassado comum à medida que os indivíduos mais aptos vivem mais e deixam mais descendentes. Pela primeira vez, o destino do mundo estava nas mãos da natureza, e não nas de Deus.

Darwin restringiu sua teoria ao mundo natural, mas outros pensadores a adaptaram - de um jeito meio torto - às sociedades humanas. O mais destacado entre eles foi o matemático inglês Francis Galton, primo de Darwin. Em 1865, ele postulou que a hereditariedade transmitia características mentais - o que faz sentido. Mas algumas ideias de Galton eram bem mais esquisitas. Por exemplo, ele dizia que, se os membros das melhores famílias se casassem com parceiros escolhidos, poderiam gerar uma raça de homens mais capazes. A partir das palavras gregas para "bem" e "nascer", Galton criou o termo "eugenia" para batizar essa nova teoria.

Galton se inspirou nas obras então recém-descobertas de Gregor Mendel, um monge tcheco morto 12 anos antes, que passaria à história como fundador da genética. Ao cruzar pés de ervilhas, Mendel havia identificado características que governavam a reprodução, chamando-as de dominantes e recessivas. Quando ervilhas de casca enrugada cruzam com as de casca lisa, o descendente tende a ter casca enrugada, pois esse gene é dominante.

Os eugenistas viram na genética o argumento para justificar seu racismo. Eles interpretaram as experiências de Mendel assim: casca enrugada é uma degeneração (hoje sabe-se que estavam errados - tratava-se apenas de uma variação genética, algo ótimo para a sobrevivência). Misturar genes bons com "degenerados", para eles, estragaria a linhagem. Para evitar isso, só mantendo a raça "pura" - e aí eles não estavam mais falando de ervilhas. O eugenista Madison Grant, do Museu Americano de História Natural, advertia em 1916: "O cruzamento entre um branco e um índio faz um índio, entre um branco e um negro faz um negro, entre um branco e um hindu faz um hindu, entre qualquer raça europeia e um judeu faz um judeu".

As ideias eugenistas fizeram sucesso entre as elites intelectuais de boa parte do Ocidente, inclusive as brasileiras. Mas houve um país em que elas se desenvolveram primeiro, e não foi a Alemanha: foram os EUA. Não tardou até que os eugenistas de lá comesçassem a querer transformar suas teorias em políticas públicas. "Em suas mentes, as futuras gerações dos geneticamente incapazes deveriam ser eliminadas", diz o jornalista americano Edwin Black, autor de "A Guerra contra os Fracos". A miscigenação deveria ser proibida.

Fonte: Adaptado da revista Superinteressante, jul. 2005. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/nazismo/>>.

Acesso em: 28 de maio de 2020

6. (UFPR 2006) A respeito da afirmação de Madison Grant citada no texto, assinale a alternativa correta.
- a. As combinações ideais para se obter a raça pura são o cruzamento do branco com índio, do branco com negro, do branco com hindu e das raças europeias com judeu.
 - b. Grant defende a eugenia com base no pressuposto de que o índio, o negro, o hindu e o judeu são raças imutáveis.
 - c. Grant faz uma advertência aos seus contemporâneos, pois teme a adesão em massa às propostas eugenistas.
 - d. O índio, o negro, o hindu e o judeu, para Grant, são equivalentes à ervilha de casca enrugada.
 - e. Com a sua afirmação, Grant mostra como aproveitar as experiências de Mendel para se obter uma boa linhagem entre os seres humanos.
7. (UFPR 2006) Segundo o texto, é correto afirmar:
- a. Tanto a teoria de Darwin, como as experiências genéticas de Mendel, são impróprias para subsidiar aqueles que buscaram na ciência o respaldo para a discriminação de grupos humanos.
 - b. A eugenia foi uma reação à obra de Darwin "A Origem das Espécies": enquanto esta defende o cruzamento de raças, a eugenia se opõe a essa prática.
 - c. Madison Grant consolidou a teoria de Mendel ao comprovar que há espécies dominantes.
 - d. Segundo Black, as primeiras propostas eugenistas norte-americanas partiram de um trabalho educacional que procurava eliminar das mentes das pessoas as lembranças das gerações dos geneticamente incapazes.
 - e. Alguns pensadores perceberam que os resultados das experiências de Mendel estavam errados quanto aos genes dominantes e criaram a teoria eugenista para corrigir as distorções constatadas.
8. (UFPR 2006) Ao definir eugenia e situar historicamente o surgimento desse conceito, o autor do texto publicado na revista "Superinteressante" também avalia as afirmações dos eugenistas. Assinale a alternativa que NÃO comporta uma avaliação das ideias eugenistas.
- a. Os eugenistas viram na genética o argumento para justificar seu racismo.
 - b. Darwin restringiu sua teoria ao mundo natural, mas outros pensadores a adaptaram - de um jeito meio torto - às sociedades humanas.
 - c. Em 1865, ele postulou que a hereditariedade transmitia características mentais - o que faz sentido.
 - d. A partir das palavras gregas para "bem" e "nascer", Galton criou o termo "eugenia" para batizar essa nova teoria.
 - e. Algumas ideias de Galton eram bem mais esquisitas.



9. (UFPR 2006) "As ideias eugenistas fizeram sucesso entre as elites intelectuais de boa parte do Ocidente, inclusive as brasileiras. Mas houve um país em que elas se desenvolveram primeiro, e não foi a Alemanha: foram os EUA." Ao dizer "e não foi a Alemanha", o autor do texto se antecipa a uma possível conclusão do leitor. Apresente o fato que levaria o leitor a pensar assim e explique a relação desse fato com o tema exposto no texto "Eugenia".

Sékans 3

Abilite 08: Fè diferans ant ide santral ak ide segondè yo; oswa sijè ak sousijè nan tèks la.

Li tèks ki anba a answit reponn kesyon yo soti nan 1 pou rive nan 5:

(Fuvest 2020) Adaptados a esse idioma que se transforma conforme a plataforma, os memes e textões dominaram a rotina desta década como modos de a gente rir, repercutir notícias, dividir descontentamentos, colocar o dedo em feridas, relatar injustiças e até se informar. Entraram logo no vocabulário para além da *internet*: "virar meme", "dar textão". Suas características também interferiram no jeito de compreender o mundo e expressar o que acontece à nossa volta. Viktor Chagas, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), os vê como manifestações culturais de grande relevância para entender o período e, também, como "extravasadores de afetos". [...] Por mais que o textão seja "ão", assim como o meme, ele é uma expressão sintética típica de hoje, explica Viktor Chagas. Mesmo o textão mais longo, na verdade, é um textinho: faz parte da lógica do espaço em que circula.

(TAB UOL, "Vim pelo meme e era textão". Disponível em <https://tab.uol.com.br/>. Adaptado.)

1. Retire nan tèks la de agiman ki jistifye karakterizasyon nan "memes e textões" kòm "extravasadores de afetos".
2. Nan ki sans nou ka di ke pa gen yon kontradiksyon nan pasaj la "Mesmo o textão mais longo, na verdade, é um textinho"?
3. Pandan n ap respekte lòd agiman yo itilize nan tèks la, siyale altènatif ki kòrèk la:
 - a. 1. Prezans meme [mim] yo sou platfòm; 2. Itilizasyon vokabilè yo itilize nan meme [mim] ale pi lwen pase entènèt la; 3. Vizyon Viktor Chagas sou meme [mim].
 - b. 1. Vizyon Viktor Chagas sou meme; 2. Itilizasyon vokabilè yo itilize nan meme ale pi lwen pase entènèt la; 3. prezans nan meme sou platfòm.
 - c. 1. Prezans meme yo sou platfòm; 2. Vizyon Viktor Chagas sou meme; 3. Itilizasyon vokabilè yo itilize nan meme ale pi lwen pase entènèt la.
 - d. 1. Itilizasyon vokabilè yo itilize nan meme [mim] ale pi lwen pase entènèt la; 2. Prezans meme [mim] yo sou platfòm; 3. Vizyon Viktor Chagas sou meme.
 - e. 1. Vizyon Viktor Chagas sou meme [mim]; 2. Prezans meme [mim] yo sou platfòm; 3. Itilizasyon vokabilè yo itilize nan meme[mim] ale pi lwen pase entènèt la.

4. "Por mais que o textão seja "ão", assim como o meme, ele é uma expressão sintética típica de hoje, explica Viktor Chagas. Mesmo o textão mais longo, na verdade, é um textinho: faz parte da lógica do espaço em que circula."- Você concorda com a opinião do autor a respeito do tamanho do texto geralmente usado nos "textões"? Por quê?

5. Elabore yon paragraf disètatif, an potigè, ki gen apeprè senk liy, pandan w ap swiv lòd agiman ki anba yo. Evite repetisyon nan mo yo. Bon travay!

Premyeman: meme [mim] yo se tèks yo itilize chak jou sou entènèt la;

Dezyèmman: meme [mim] yo se tèks yo itilize pou fè divès kalite kritik;

Twazyèmman: meme [mim] yo an jeneral se tèks komik epi iwonik;

Katriyèm: Konnen ki jan yo pwodwi bon meme [mim], pandan n ap itilize langaj vèbal ak vizyèl, se yon atizay.

6. (UFRGS 2019) Leia este trecho do texto Censura-violência (1979), de Antonio Candido (1918-2017):

Violência física e violência mental são, na verdade, violência social, como fica mais evidente neste fim de século especialmente bruto. Ela é fruto da desigualdade econômica que requer força para se manter, porque sem força, a igualdade se imporia como solução melhor, que na verdade é. Hoje, é espantoso ouvir e ler os pronunciamentos das autoridades de todos os níveis, que falam com veemência crescente que a miséria do povo é intolerável, que a concentração da riqueza deve ser mitigada, que a pobreza é um mal a ser urgentemente superado – não raro com estatísticas demonstrativas. É espantoso, porque até pouco tempo tais afirmações eram consideradas coisa de subversivos; e é espantoso porque isso é dito, mas quem diz, faz tudo para que as coisas fiquem como estão, e para que os que querem mudar sejam devidamente enquadrados pela força. Não há dúvida de que a censura funciona como retificação, como dolorosa ortopedia feita para lembrar aos incautos a obrigação de não passar da demagogia à luta real pela democracia. A ideia, a palavra e a imagem podem ser instrumentos perigosos aos olhos dos que desejam apenas escamotear, operando conscientemente no plano da ideologia para abafar a verdade. Censura, portanto, e censura como arma para formar com outras o arsenal de manutenção da desigualdade – econômica, política e social. Por isso, mais em nosso tempo do que em outros, nos quais eram menos variados e atuantes os meios de expressão, devemos estar cada vez mais preparados para lutar contra a violência dentro da qual vivemos em todos os níveis. Inclusive a da censura.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima.

- I. O autor defende que a censura é uma forma de violência a serviço da manutenção da desigualdade econômica, política e social.
- II. O autor elogia as iniciativas de governo, que têm verdadeiramente contribuído para a extinção da pobreza.
- III. O autor convoca o leitor a combater todas as formas de violência.

Quais estão corretas?



- a. Apenas I.
- b. Apenas II.
- c. Apenas III.
- d. Apenas I e III.
- e. I, II e III.

Li tèks ki anba a pou reponn twa pwochèn kesyon yo:

Pichação-arte é pixação?

As discussões, muitas vezes acaloradas, sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no *graffiti* são essenciais e importantes de serem resgatados. O *graffiti* nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e *Grffiti*). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como *graffiti* artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre *graffiti* e pixação é clara; ao primeiro, é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do *graffiti*, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do *graffiti* ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima –, trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o *graffiti* nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sígnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o *graffiti* foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi "Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim,

porque escolheram a minha peça entre as expostas" [...]. "Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira" e finalizou dizendo que "pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional".

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o "sistema" em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo "poder".

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema "Forget Fear", considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C. foram convidados na ocasião para realizar um *workshop* sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o *graffiti*, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e, por consequência, ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Fonte: Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

- 7.** (ITA 2019) De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que
- A comunidade de pichadores não necessariamente demonstra interesse no reconhecimento da pichação como um movimento artístico.
 - Os pichadores assumem uma forma de expressão mais provocadora, ao transgredir até mesmo as regras das instituições culturais.
 - A pichação é uma forma de expressão marginalizada, assumida por alguns grupos como traço identitário.
 - Os códigos e as mensagens manifestados na pichação costumam ser compreendidos somente pela própria comunidade de pichadores.
 - A essência da pichação é ser uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais.



8. (ITA 2019) Podemos afirmar que o texto:
- a. Entende que grafite é arte desprovida de crítica social e pichação simboliza a revolta popular.
 - b. Considera grafite como arte institucionalizada e pichação como manifestação popular transgressora.
 - c. Reconhece que a preocupação estética é exatamente a mesma em ambas as manifestações.
 - d. Defende que o "pixo" é arte, ainda que não apresente mensagens poéticas identificáveis.
 - e. Assume que pichação e grafite transmitem a mesma mensagem, mas em contextos sociais diferentes.
9. Aprè ou fin litèks la "**Pichação-arte é pixação?**", ki opinyon ou sou sijè sa a? Ekri yon tèks redaksyon-agimantatif, ak apeprè ven liy, pandan w ap defann pwèn de vi ou. Bay tèks ou a yon tit epi sèvi ak rejis estanda lang pòtigè a.